

REVIEW

Deaf scholars on reading

Lia Abrantes Antunes Soares¹, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Article

Andrews, Jean F., Byrne, Andrew, & Clark, M. Diane. 2015. Deaf scholars on reading: A historical review of 40 years of dissertation research (1973-2013). Implications for research and practice. *American Annals of the Deaf*, 159(5), p. 393-418.

Com a publicação do artigo “Pesquisadores Surdos investigando a leitura: uma revisão histórica de 40 anos de pesquisa de teses (1973-2013): implicações para a pesquisa e prática”, da autoria de Jean F. Andrews, Andrew Byrne, M. Diane Clark, o cenário acadêmico ganha uma importante contribuição, na medida em que se pode ter uma dimensão histórica de pesquisas sobre leitura em inglês como segunda língua, com público-alvo surdo. Apesar de os autores iniciarem busca por teses de autoria de surdos a partir de 1962, a primeira foi encontrada apenas em 1973, o que demarcou o escopo do período de pesquisa em quarenta anos, com fim em 2013. Esse longo percurso de investigação incorpora ao estudo um dado relevante sobre um grupo composto por 31 sujeitos surdos (oralizados ou não) que alcança o espaço acadêmico, cujo nível de letramento exigido não corrobora levantamentos estatísticos de que surdos alcançam, em média, nível de leitura correspondente ao do quarto ano de escolaridade.

O objetivo do estudo de Andrews, Byrne e Clark é encontrar propostas que revelem se a aprendizagem de leitura por crianças surdas e ouvintes é (i) qualitativamente similar, (ii) qualitativamente diferente ou (iii) parcialmente semelhante/diferente, com diferenças importantes, em razão de maior

Corresponding Author:

LIA ABRANTES ANTUNES SOARES
<lia.soares@gmail.com>



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original publication is properly cited.
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

orientação visual atribuída aos surdos. A partir desse viés, os autores ilustram com as teses pesquisadas um panorama de investigação numa perspectiva epistemológica padrão, comparada à surda. Recentemente, trabalhos da área têm discutido a definição de epistemologia surda - natureza do conhecimento do surdo. Wang (2012) afirma que essa definição não é suficiente e que é necessário trabalhar com ambas perspectivas epistemológicas, uma complementando a outra. Supalla (2013) é outro trabalho que questiona o estudo da surdez como conhecimento especializado, dado que há diversos campos relacionados ao aprendizado, como sociologia, antropologia, história, psicologia e literatura, que oferecem contribuições importantes à área.

Os autores, então, observam essa questão no material selecionado, com o objetivo de entender qual o contexto epistemológico ali presente. Esse olhar perpassa todo o período de quarenta anos, a fim de identificar se há algo específico que caracterizaria pesquisas conduzidas por representantes do grupo pesquisado, ou seja, surdos pesquisando surdos. Sob o enfoque de uma abordagem qualitativa interpretativa, os autores revisam 31 teses em que identificam duas tendências: uma temática, que orienta a proposta de organização das pesquisas em cinco períodos, e outra epistemológica, que combina abordagens qualitativamente similares e diferentes. A metodologia encontrada nas teses variou de quantitativa (42%), qualitativa (48%) e mista (10%).

Antes de empreenderem a divisão das teses nos cinco períodos (1973-1979; 1980-1989; 1990-1999; 2000-2009; 2009-2013), alguns procedimentos foram necessários, como a definição de termos-chave, a saber: pesquisadores surdos – tanto para indicar aqueles que são oralizados quanto os que não são, e se identificam com a cultura surda; criança surda bilíngue – aquela que sinaliza em ASL (*American Sign Language*) e usa o inglês escrito, ainda que não tenha alcançado um alto nível de proficiência nas duas línguas. Outro procedimento estabelecido foi a leitura das teses de forma independente pelos três pesquisadores (um surdo e dois ouvintes) que fizeram anotações das passagens em que os autores das teses explicitamente mencionaram o processo de leitura como semelhante ou distinto dos leitores ouvintes. Além disso, após longo processo de debate sobre os temas encontrados, um examinador externo foi convidado a ler os materiais originais, bem como as notas de leitura, para dar um parecer sobre as discordâncias dos autores.

De maneira a antecipar o tratamento de cinco temas e nove subtemas relacionados à competência leitora de crianças surdas, o artigo traça um amplo panorama sobre pesquisas em leitura na população geral. Isso permite que o leitor aprecie as especificidades do campo e contemple o contexto geral que coteja o mercado de ideias de cada período. Os leitores do artigo ainda contam com uma lista de teóricos das áreas de aprendizagem, bilinguismo e letramento que fundamentaram as teses em cada período. Dentre os autores citados, destacamos o brasileiro Paulo Freire, cuja obra é reconhecida internacionalmente. Vale observar o uso de tabelas para apresentação de temas das teses, número de teses por período, pesquisadores citados, resumos das teses, quantitativo de teses em cada metodologia (qualitativa e quantitativa) e ambiente educacional em que as pesquisas foram realizadas. Isso possibilita ao leitor a recuperação rápida dos dados e uma compreensão histórica da área via observação dos dados de maneira clara e visualmente potencializada.

O primeiro período estabelecido pelos autores compreende quatro estudos da década de 1970, cujo tema identificado diz respeito a metodologias de comunicação. Neles são identificados três subtemas: (a) metodologia de comunicação oral vs manual; (b) metodologias em inglês e ASL; e (c) metodologia sinalizada que integra ASL/inglês, lembrando que a ASL é, nesse momento, um caminho para que se chegue ao inglês. As teses discutem níveis de leitura alcançados por alunos surdos; reconhecem a importância do inglês; e admitem que a ASL ou a comunicação manual não sejam a solução para todas as dificuldades relativas à leitura, ou seja, haveria outros fatores a serem considerados, como a conscientização da família e exposição precoce da criança a uma língua.

Na década de 1980, a temática mais trabalhada passa a ser habilidade de compreensão leitora e aprendizagem de vocabulário em inglês, alvo dos três estudos localizados. O leitor encontra resultados de pesquisas sobre: (i) palavras polissêmicas, cuja dificuldade de acesso ao significado exige maior atenção ao desenvolvimento de estratégias de ensino e produção de material; (ii) atenção visual, cujo desenvolvimento abrange práticas com contação de narrativas em língua de sinais, conjugada à leitura labial; e (iii) leitura compartilhada adulto-criança, cuja prática em língua de sinais desenvolve habilidades linguísticas da criança e de seus pais ouvintes.

A partir dos anos noventa, o foco das teses passa a ser o bilinguismo ASL/inglês, com divisão em três eixos: direitos linguísticos; linguística da ASL, literatura, alfabetização e letramento; consciência metalinguística e metacognitiva. A mudança de foco observada nos três períodos seguintes revela um movimento emergente de reconhecimento da ASL como língua de instrução, observado em propostas de abordagem holística de ensino/aprendizagem em escolas públicas.

O terceiro período (1990-1999) abarca cinco subcategorias relativas ao tema bilinguismo, tratado nas três teses encontradas. Os estudos mostram como crianças usam as duas línguas (ASL e inglês) para desenvolverem competência leitora em inglês. O predomínio do inglês em sala de aula, que durante a década de 1980 tinha sido priorizado, passa a ser partilhado com a ASL em atividades de leitura. A mudança surge como efeito de propostas pelos direitos linguísticos que propõem estratégias bilíngues para crianças com audição funcional e defende escolas para surdos como solução para conflitos de ordem acadêmica, linguística, social e identitária. Supalla (1990) é mencionado como fonte de empoderamento linguístico das comunidades surdas, visto que a dificuldade apresentada pelas crianças surdas é de origem linguística e não de cognição geral. O leitor deve atentar para o fato de, há apenas 27 anos, a discussão nos EUA ainda ser relativa aos direitos linguísticos e à desmistificação da deficiência intelectual do surdo.

Os pesquisadores surdos do período ainda apontavam para a necessidade de as crianças lerem textos inteiros e fazerem a correspondência entre a ASL e inglês a fim de que elas entendessem a estrutura das unidades da escrita, isto é, pudessem relacionar configurações de mão do alfabeto manual às letras, aos sinais ou aos grupos de sinais, de palavras impressas ou de sintagmas, em narrativas completas. Nesse momento, acontece a grande virada de percepção sobre a ASL, na medida em que passa de veículo de acesso à língua inglesa para uma língua bem estabelecida. Assim, os temas

fonologia da ASL e literatura em ASL começam a despertar interesse, pois é por meio dessa língua e de sua produção cultural que a criança surda seria capaz de se apropriar do inglês.

No período seguinte, de 2000 a 2009, os mesmos temas e subtemas são trabalhados. As teses desse período focam na necessidade de professores proficientes em ASL, tendo em vista resultados positivos observados nos alunos, quanto ao aumento de proficiência em inglês estar relacionado ao maior domínio da ASL. Outro aspecto importante é o destaque para literatura em ASL como caminho para as crianças trabalharem a contação de histórias e entenderem os elementos dos diversos tipos de texto em ASL e suas propriedades linguísticas e estéticas, tal como as rimas, a fim de construir um alicerce para alfabetização e letramento em inglês. Além da literatura em ASL, a escrita de sinais também é indicada para compreensão do funcionamento da escrita da L2, com apoio de grafemas em ASL, glosas da ASL, para que aprendizes cheguem ao inglês escrito. O estudo do inglês, então, se daria via análise comparativa, sem que as crianças fossem atrapalhadas por questões relativas à língua falada. Ou seja, é possível ir da língua de sinais diretamente para a língua escrita, sem passar por um inglês sinalizado, mas para isso as crianças precisam estar cognitivamente engajadas na língua de sinais para o desenvolvimento da língua escrita.

No quinto período, apesar de curto (2010 - 2013), os autores localizam um total de oito teses, cuja investigação, em sete delas, objetiva entender como os aprendizes usam ASL e inglês para desenvolverem suas habilidades em inglês. Práticas e estratégias bilíngues desde os anos iniciais foram mapeadas, tais como integração leitura e escrita para ensino de leitura e consciência fonológica em ASL via literatura. Especificamente nesse período, há uma forte retomada do uso de “formas composicionais” da ASL, ou seja, uso da fonologia da língua a partir de *histórias de configuração de mão* e outros tipos de literatura em ASL. Em relação ao tema consciência metalinguística e cognitiva, várias estratégias são apresentadas para trabalhar a leitura. Algumas são de epistemologia padrão como o uso do paradigma “think-aloud” e do discurso estendido para promover pensamentos de ordem superior, já outras são específicas da epistemologia surda. Entretanto, nenhuma tese utilizou os métodos descritos na literatura ouvinte sobre consciência fonológica, ao invés disso, os estudos incorporaram a estrutura da ASL e do inglês nas aulas de leitura.

Os autores tinham três perguntas norteadoras para desenvolverem esse trabalho: se o processo de leitura era qualitativamente similar ou diferente, ou se ambas as ideias eram plausíveis. Ao final da análise do material, a conclusão dos autores é de que a terceira hipótese parece a mais válida, pois foram encontradas 26 teses com uma abordagem mista. Sendo assim, pesquisadores surdos apoiam a alegação de que a leitura é tanto um processo similar quanto diferente para essa população. As semelhanças estão expressas no fato da “leitura ser vista como um processo complexo que incorpora percepção, linguagem, cognição, conhecimento de mundo, experiências prévias e motivação” (p. 159). As diferenças estão presentes nas estratégias utilizadas, dado que, em geral, se trabalha a leitura via bilinguismo sinalizado – “o uso de ASL e as habilidades na língua inglesa para aprender mais inglês”. Pode-se apontar algumas dessas estratégias

diferenciadas a serem empreendidas pelo professor: tradução de textos; desenvolvimento de consciência metalinguística nas duas línguas; sinalização de narrativas inteiras sem o uso do código auditivo-fonológico para o apoio do aprendizado do inglês; uso da língua de sinais para engajamento cognitivo, a fim de desenvolver habilidades de leitura; soletração manual; escrita de sinais; glosa da ASL; literatura na língua de sinais como base para o desenvolvimento da leitura e literatura em inglês e, por fim, o uso da fonologia da ASL, via narrativas de configuração de mão. O artigo não menciona de que forma, especificamente, a consciência fonológica poderia impactar o desenvolvimento da leitura e quais níveis seriam impactados pela transferência do conhecimento metalinguístico da L1 para L2.

Com condução orgânica no tratamento das 31 teses, Andrews, Byrne e Clark atingem seus objetivos, apresentando como pesquisadores surdos pensam questões sobre leitura. Os autores entregam aos leitores interessados em educação de surdos um trabalho cuidadoso de revisão, pois além da pesquisa histórica sobre leitura, empreendida por pesquisadores surdos, oferecem um material com organização que facilita o acesso às informações expostas de maneira fluida pelo artigo, condensadas em diversas tabelas. Tal arranjo torna o texto de fácil acesso e recuperação de diversos detalhes importantes que poderiam passar despercebidos, se não compilados de maneira sistemática.

REFERÊNCIAS

- Supalla, Samuel. 1990. *Segmentation of Manually Coded English: Problems with the mapping of English in the visual-gestural mode*. Tese. University of Illinois, Champaign.
- Supalla, Samuel. 2013. Some pitfalls of the focus on deafness as specialized knowledge. [Review of the book: P. Paul & D. Moores (eds.). *Deaf epistemologies: Multiple perspectives on the acquisition of knowledge*]. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 18(3), p. 425.
- Wang, Ye. 2012. Educators without borders: A metaparadigm for literacy instruction in bilingual-bicultural education. In P. Paul & D. Moores (Orgs.). *Deaf epistemologies: Multiple perspectives on the acquisition of knowledge* (p. 199-217). Washington, DC: Gallaudet University Press.

Submetido: 17/02/2018
Aceito: 01/06/2018